

## Revista *Átimo*<sup>1</sup>

Bruno NOGUEIRA<sup>2</sup>

Lara XIMENES<sup>3</sup>

Daywangles NASCIMENTO<sup>4</sup>

Rafael MELLO<sup>5</sup>

Wagner SOUZA<sup>6</sup>

Marília Gabriela Silva RÊGO<sup>7</sup>

Cecília MAROJA<sup>8</sup>

Aline de Fatima Soares e SILVA<sup>9</sup>

Luiza Ribeiro de LIMA<sup>10</sup>

Rebeca MONTENEGRO<sup>11</sup>

Lucas VAZ<sup>12</sup>

Lorena BARROS<sup>13</sup>

Nathallia FONSECA<sup>14</sup>

Cesar CASTANHA<sup>15</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

## RESUMO

O presente trabalho é sobre a *Átimo*, revista laboratório do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolvida de forma contínua em duas disciplinas do curso, o processo e rotina de trabalho é supervisionado pelos professores, mas inteiramente conduzido pelos alunos que produzem reportagens, entrevistas, perfis, crônicas e ensaios sobre temas específicos, sendo “distopias” o da edição apresentada, produzida no segundo semestre de 2015.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista, Jornalismo Digital, Distopia

## 1 INTRODUÇÃO

A *Átimo* é a revista laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. Resultado do trabalho conjunto entre as disciplinas de “Edição” e “Preparação e Revisão de Originais”, com textos, fotografias e projeto gráficos produzido inteiramente

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria JO04, modalidade Revista-laboratório impressa (conjunto ou série).

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, email: [bnogueira@gmail.com](mailto:bnogueira@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo e aluna líder do grupo, email: [larafximenes@gmail.com](mailto:larafximenes@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 7º período do Curso de Jornalismo, email: [daywvilar04@gmail.com](mailto:daywvilar04@gmail.com).

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [rafamello57@hotmail.com](mailto:rafamello57@hotmail.com).

<sup>6</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de jornalismo, email: [wasdeoliveira21@gmail.com](mailto:wasdeoliveira21@gmail.com).

<sup>7</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [marilia\\_gabriela00@hotmail.com](mailto:marilia_gabriela00@hotmail.com).

<sup>8</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [ceciliamaroja@gmail.com](mailto:ceciliamaroja@gmail.com).

<sup>9</sup> Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [alineef.ss@gmail.com](mailto:alineef.ss@gmail.com)

<sup>10</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: [luiza.rideli@gmail.com](mailto:luiza.rideli@gmail.com)

<sup>11</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [rebeca-montenegro@hotmail.com](mailto:rebeca-montenegro@hotmail.com).

<sup>12</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [lucvazlemos@gmail.com](mailto:lucvazlemos@gmail.com).

<sup>13</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [lorena.barrosp@gmail.com](mailto:lorena.barrosp@gmail.com).

<sup>14</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [nathalliasfonseca@gmail.com](mailto:nathalliasfonseca@gmail.com).

<sup>15</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: [cesars.castanha@gmail.com](mailto:cesars.castanha@gmail.com).

pelos alunos, sob supervisão dos professores. Na edição apresentada, a produção dialoga com o tema “distopias”, proposto e escolhido em sala, pautando reportagens, perfis, entrevistas, crônicas e ensaios fotográficos.

A revista está dividida em cinco editorias: Cultura, Cidade, Cidadania, Fotografia e Arte (diagramação). Em cada uma, os estudantes se dividem em funções de edição, apuração e redação, compartilhando o processo em sala de aula em encontros com outros estudantes e professor da disciplina. Além dessas, atendendo a dinâmica de trabalho do jornalismo, são formadas ainda editorias de fotografia, onde são acompanhadas as reportagens e entrevistas que estão sendo desenvolvidas, mas também são realizados ensaios sobre a temática da edição; e uma editoria de arte, responsável pela diagramação final e apresentação do material finalizado.

## **2 OBJETIVO**

### **Geral**

Escrever uma revista que contemplasse temas diversos conectados pela ótica da distopia.

### **Específico**

O fazer jornalístico de qualidade nos meios de comunicação hegemônicos enfrenta muitos obstáculos. Desde a impossibilidade de abordar determinados temas devido à “ordens de cima”, aos cortes dos editores e limitação de linhas, produzir da forma que queremos o jornalismo que sonhamos vem sendo uma batalha travada pelos estagiários e profissionais nas redações ao redor do país.

Na academia, as possibilidades de produzir esse bom jornalismo se ampliam - e numa dessas possibilidades nasceu a *Átimo*, com o objetivo de escrever sobre como a vida cotidiana, a cultura, a cidade e a tecnologia estão atreladas à cenários distópicos na nossa sociedade, criando situações muitas vezes ignoradas pelos meios tradicionais de comunicação, mas que são presentes nesses cenários e na vida de muitos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Na academia, a pesquisa e ensino precisam caminhar também juntos com oportunidades de exercitar a prática profissional. Atividades atreladas às disciplinas dos

cursos têm resultados positivos em sala de aula e, portanto, é importante pensar em plataformas para que essa produção possa se externar e ter visibilidade na sociedade. A *Átimo* é uma revista que vai além da função de exercício de disciplina e pretende exercer o papel desta plataforma: um espaço fixo de produção do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em formato multiplataforma, com material impresso e conteúdo veiculado na internet, a *Átimo* publica produções próprias dos alunos do curso de jornalismo, bem como o material que é produzido nas diversas disciplinas do curso, em texto, áudio e vídeo. O portal de conteúdo funciona no formato de agência pública, com licença livre para reprodução, criando assim, uma oportunidade de diálogo com o mercado formal da área, ampliando o resultado apresentado na disciplina no formato de um projeto de extensão.

Desta forma, a produção do corpo discente não ficará restrita apenas a avaliação do professor, mas ganha sobrevida em um espaço continuado impresso e digital. O curso criará uma plataforma permanente de diálogo com sociedade e com o mercado, dando visibilidade também para as pesquisas e demais atividades de ensino que cabem ser divulgadas. Associado as disciplinas, o portal de conteúdo não perde também seu caráter experimental, servindo como uma oportunidade de pensar e colocar em prática novas formas de produzir jornalismo.

Quando Bourdieu (1997) apresenta uma abordagem para o campo jornalístico em um regime democrático, enumera uma disputa simbólica entre (a) os interessados nas notícias; (b) a notícia; e (c) jornalistas e conglomerados de comunicação. Essa é uma categorização mais complexa do que se apresenta, podendo, por exemplo, aos interessados na notícia se dividir em novas subcategorias, como os leitores, as pessoas que são entrevistadas, as empresas e envolvidos no que é noticiado e assim sucessivamente. É, portanto, importante situar o papel da Universidade em todas essas três instâncias. Afinal, conforme aponta o trabalho de Nelson Traquina (2004), a consolidação do jornalismo enquanto profissão numa sociedade ocorre a partir da constituição dos cursos universitários da área.

É extremamente problemático pensar uma formação profissional, por exemplo, a partir da abordagem apresentada por Felipe Pena (2013) de uma teoria Gnóstica do jornalismo. Pena lembra do processo de entrada e amadurecimento de um repórter em uma redação, que envolve um reconhecimento da experiência de quem está a mais tempo no ofício como um critério para identificar o que tem mais valor como notícia. As rotinas de

trabalho carregam códigos que produzem sentido na notícia. Essa estrutura de valor é compartilhada pelos jornalistas entre si, travestida de diálogo com a sociedade. Em resumo: o valor da notícia precisa estar evidente primeiro para a comunidade jornalística e, depois, para a sociedade.

O fazer jornalístico é também um saber técnico e, portanto, é importante que a universidade se insira nessa disputa simbólica do campo jornalístico a partir de atividades pautas também por esta experiência da técnica. Desta forma, pode-se associar as reflexões e ponderações realizadas em sala de aula e grupos de pesquisa, assim como é consolidada um espaço de visibilidade para aquele conteúdo que a academia considera interessante de ser produzido dentro do campo.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A Átimo é o resultado final de duas disciplinas ministradas no 6º período curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. Em “Edição”, são pensadas as características editoriais do produto, como o eixo temático, a divisão do trabalho em editorias, as funções que serão desempenhadas por cada estudante - editor, editor assistente, repórter, fotógrafo - é realizada uma reunião de pautas e, durante o semestre, um acompanhamento do desenvolvimento de cada texto produzido, distribuídos nos gêneros reportagem, entrevista, perfil e crônica.

Na disciplina “Preparação e Revisão de Originais” os alunos pensam as características visuais do produto. A divisão em equipes permanece a mesma e cada uma deve pensar em propostas para o projeto gráfico, desde a diagramação do texto ao uso das fotografias, passando por infográficos, colagens e outras interações gráficas que o assunto tratado permitam. O uso de cores, os aspectos das fontes, uso de títulos e afins.

Desta forma, o exercício de pensar e fazer o jornalismo na prática é compartilhando entre professores e também entre estudantes que exercem importante função de gestão do produto finalizado. Além do que é tradicionalmente possível numa dinâmica de trabalho em equipe - como se elencar lideranças e pensar fluxos de trabalho - também existe um esforço de refinar, coletivamente, uma noção de critério jornalístico.

Toda pauta passa por uma defesa pública em sala de aula, que pode receber contribuições e críticas de outros alunos, seja no assunto tratado, na abordagem que é proposta ou, mesmo, no desenvolver dos textos e das fotografias. Uma forma de fazer

jornalismo com seu código-fonte aberto para a contribuição de todos, permitindo que cada estudante tenha a oportunidade de vivenciar a responsabilidade de conduzir uma entrevista e editar o material final que será apresentado.

Ainda como estratégia metodológica, todo o conteúdo é proposto e gerado em excesso. Desta forma, o debate em sala de aula segue sobre qual das reportagens devem figurar na revista *Átimo*, não apenas pelo tema proposto, mas pelo resultado apresentado pela apuração. Cada editoria produz, no mínimo, o dobro de conteúdo que pode comportar, para que a experiência de edição seja ainda mais rica.

O material que não entra na revista é aproveitado na plataforma on-line da *Átimo*, onde os textos são re-trabalhados por estudantes de outros períodos em disciplinas sobre jornalismo digital. Assim, um material que já foi conceitualmente pensado e produzido no decorrer de um semestre pode servir como exercício de edição em hipermídia, pensando novas formas de não apenas complementar, mas de conduzir todo o conteúdo jornalístico.

## **5 RENOVAÇÃO GRÁFICO-EDITORIAL**

A edição do segundo semestre de 2015 passou por mudanças em sua configuração, tanto no aspecto editorial quanto gráfico, promovidos a partir das discussões entre os alunos do 6º período de Jornalismo, que foram provocados a repensar um novo formato para a revista. Antes dessa reformulação, a *Átimo* existia como um produto sem unidade visual, na qual cada grupo produzia sua própria revista, a qual se poderia encontrar até oito edições num único semestre. Com a nova proposta, a *Átimo* se tornou uma única edição por semestre (estabelecendo, desta forma, sua periodicidade), abrangendo a turma por completo para a produção da edição anual.

A nova diagramação da *Átimo* consta de maior valorização dos elementos gráficos, tais como a tipografia, a fotografia, o infográfico e hierarquização da informação, bem como o estabelecimento de uma unidade visual pela escolha de uma paleta de cores (rosa para “Cultura”, azul para “Urbe”, verde para “Tecnologia” e laranja para “Polis”, além do bege e do dourado para os destaques e o preto utilizado nos dois ensaios fotográficos distribuídos na publicação).

O logotipo foi alterado para uma marca simples, com a tipografia Clarendon, que também é aplicada nos destaques da revista. O logo pode adquirir novas versões, sob a tendência do design cambiante (KOPP, 2002), a exemplo da marca utilizada no

“átimoLAB”<sup>16</sup>. Quanto à tipografia, optou-se pela Minion, uma tipografia com serifa desenvolvido por Robert Slimbach, em 1990, para Adobe. De boa leitura, a Minion é indicada para textos mais longos mesmo em tamanhos pequenos, como utilizados em publicações (WHITE, 2006; LUPTON, 2013; ZAPATERRA, CALDWELL, 2014). Nos títulos, adotou-se a Glypha, desenhada pelo renomado tipógrafo Adrian Frutiger, em 1977. Esta família tipográfica, constituída por fontes de diferentes pesos e espessuras, permitem maior flexibilidade de acordo com a necessidade de sua aplicação.

A capa e contra-capas da *Átimo* ganharam o papel de galeria de imagens, na qual se abrirá a oportunidade para divulgação de trabalhos de ilustradores e fotógrafos, com oportunidade para divulgar o trabalho dos próprios alunos ou de colaboradores que estejam interessados em publicar seus trabalhos na revista. Nesta edição, temos as colagens produzidas por Elizeu Salazar, de Maceió, selecionado pelos alunos que participaram da editoria de Arte. Mais trabalhos do mesmo autor podem ser encontrados nas páginas internas da revista.

Na organização do conteúdo da *Átimo*, as editorias foram organizadas fora do padrão que costumeiramente se encontra em qualquer publicação. A ordem das editorias foi estabelecida dentro da identidade gráfico-editorial como um dos itens que marcam a nova *Átimo*: a revista inicia com “Cultura” e conclui com “Polis”, além dos ensaios fotográficos. Esta ordem pode se alterar a cada edição, tornando-se flexível, de acordo com a temática escolhida pelos discentes.

Elementar para a organização visual dos conteúdos, o *grid* estabelecido nas páginas da *Átimo* segue uma estrutura modular, com predominância de textos distribuídos em três colunas. A flexibilidade da estrutura permite outras formas de diagramação, como conteúdos distribuídos em duas colunas ou com a possibilidade de se aplicar colunas menores para respiração da página ou para isolar conteúdos distintos presentes numa mesma mancha gráfica. A diagramação por módulos é uma característica presente em revistas e jornais atualmente (SAMARA, 2007).

## 6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Cada editoria trabalhou de forma independente, com as tarefas divididas através da orientação do professor e dos editores de cada grupo. Primeiro, dividimos os grupos a partir

---

<sup>16</sup> A marca pode ser visualizada no site do *átimoLAB*. Disponível em: <<http://www.atimolab.com.br>>.

do interesse de cada um nos temas escolhidos, formando as editorias: Cultura, Cidadania, Cidades, Tecnologia, Fotografia e Arte (diagramação). Cidadania virou Polis; e Cidades, Urbe. As outras editorias permaneceram com os nomes já citados.

Perspectivas de distopia, reais ou imaginadas, foram abordadas em Cultura. Na reportagem “Cultura em Ruínas”, somos apresentados à situação de abandono em que se encontram patrimônios históricos, artísticos e culturais. Em “Velicastelo”, é traçado um perfil da artista plástica Guilhermina Pereira, que criou, em sua arte, um ambiente místico para a representar a transfobia de que ela mesmo é vítima. Na resenha crítica “Aflições Distópicas”, é realizada uma reflexão sobre os filmes originais da saga Planeta dos Macacos e sobre como eles dialogam com o seu contexto político. O artigo de opinião “Falar sobre arte em tempos de crise”, da editora de Cultura, ilumina o dever de cada seção da editoria de não recuar da necessidade de se discutir, analisar e escrever sobre cultura mesmo em face à distopia.

Em Polis, a questão dos espaços públicos, que muitas vezes se confundem com o privado, e a liberdade dos corpos na cidade foram abordadas em três textos: a crônica “Até quando a sorte de uma quase utopia?”, que narrava a vida de uma pessoa LGBT e a distopia do preconceito ainda ser presente, mas não reconhecido pelas pessoas, a reportagem “Acostumadas ao Medo”, que explorava a distopia na vida das mulheres da Região Metropolitana do Recife, cujos corpos estão à mercê do machismo, dos assédios e da violência cotidiana numa sociedade que considera esses mesmos corpos como públicos e acessíveis por circularem na cidade, e na entrevista com o arquiteto Cristiano Borba, sobre os sistemas excludentes da cidade do Recife e sua distribuição urbana distópica, baseada em fatores sociais e históricos. A coluna de opinião “Não Surte”, escrita pela editora de Polis, lança uma reflexão sobre o fazer jornalístico e a sensibilidade, trazendo a possibilidade de nossas revoltas e desconfortos tornarem nosso jornalismo mais humano.

“Futurismo” foi um dos ensaios realizados pela editoria de Fotografia. Busca-se uma representação distópica da cidade do Recife a partir das “manchas” deixadas pelo progresso e significadas a partir de relatos do passado do Recife em suas legendas, retiradas a partir de livros, jornais e documentos históricos. A associação entre foto e legenda “recortada” gera uma espécie de colagem temporal no qual se visa disparar uma discussão de progresso, memória e narrativa. As fotos foram feitas em dois cenários símbolos da cidade: a Avenida Caxangá e a Conde da Boa Vista. Tecnicamente, as imagens foram produzidas a partir de um tempo de exposição maior, que permite uma “impressão do

movimento”. O trabalho é uma tentativa de fotografar o cenário distópico de uma Recife escura e contraditória, a partir de articulações de passado de presente, o que pode ser resumido na última fotografia onde vemos o nome “Engenho” em meio ao caos e efemeridade do progresso. Na mesma intenção de registrar o caráter distópico da cidade do Recife é que o segundo ensaio foi realizado. “Recife esquecido” trata do abandono de construções históricas da cidade e que hoje não têm valor para as autoridades. São prédios e casarões destruídos e esquecidos pelo tempo e que hoje são ruínas. Se no presente já estão desvalorizadas, imaginamos como em um futuro próximo elas estarão: correm o risco de além de já invisíveis, tornarem-se desaparecidas, demolidas como tantas outras. A distopia representa, neste caso, a realidade insatisfatória destes locais que deveriam ter alguma utilidade (para a mobilidade, a cultura, etc), mas que foram negligenciadas. As fotos são de diferentes lugares da cidade, mas principalmente do Centro do Recife e do bairro da Várzea. Estão registradas as ruínas do Hospital Magitot, a primeira clínica especializada em saúde bucal da América Latina; residências antigas; territórios de especulação imobiliária como Cais José Estelita e casa de célebres, como a da escritora Clarice Lispector.

Na editoria de Urbe as produções foram voltadas para as atividades e ações que acontecem ao redor da cidade, passam pelos nossos olhos e muitas vezes não são percebidas. Para ilustrar bem o olhar crítico e pessoal sobre o que acontece na cidade a editoria decidiu incluir duas crônicas, uma sobre o edifício Holiday, prédio localizado em bairro nobre do Recife, mas ocupado por pessoas de classes sociais mais carentes, e outra sobre a vivência dentro do transporte público da Região Metropolitana do Recife, espaço comum onde pessoas desconhecidas chegam a dividir horas por dia. O transporte público também foi tema da reportagem da editoria, que aborda como bairros populares, mas mais pobres da cidade têm condições precárias de abastecimento de ônibus e como as pessoas que vivem nesses locais sofrem para se locomover. A editoria traz, por fim, um perfil intitulado “Amor de carroça”, sobre a vida de uma mulher que trabalha catando materiais recicláveis no Recife, passando despercebida pelos olhos de muitos.

A editoria de Tecnologia lidou com o tema fazendo uma associação de futuros distópicos com a relação entre humanidade e tecnologia. Além do cenário futurista cheio de robôs que a cultura pop nos mostra, procuramos ver as consequências da falta de elementos de conexão. No campo das reportagens, uma de nossas repórteres da revista passou por um verdadeiro laboratório: ela experimentou a sensação de ficar uma semana sem usar qualquer tipo de tecnologia atual, como smartphones e internet. Foi permitido que ela assistisse à

televisão (sem canais pagos) e usasse telefones sem conexão com a web. Como desafio, ela precisou apresentar um novo artista ou banda do qual nunca tivesse ouvido falar. O relato dessa aventura pode ser conferido na revista.

Outro destaque foi a entrevista "Distopia e Comunicação: uma realidade incômoda possível", realizada no formato pingue-pongue, ou seja, transcrita a partir do modelo de perguntas e respostas. Fugindo do caráter tecnicista que seria próprio da editoria de tecnologia, a proposta foi pensar sobre o tema por um viés mais humano, enfatizando sua influência social, e contribuindo assim para a unidade temática da revista *Átimo*. A ideia partiu da tese de doutorado da pesquisadora Carolina Dantas, intitulada "Admirável Comunicação Nova: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias". Dantas, que atualmente é professora do Departamento de Comunicação da UFPE, se configurou então como uma entrevistada especialista, além de uma fonte acessível. As perguntas se basearam na tese citada e nos aspectos ainda atuais das obras literárias que a pesquisadora estudou: "Admirável Mundo Novo", lançada em 1932 por Aldous Huxley; "1984" escrita em 1948 por George Orwell e "Fahrenheit 451", de 1953, por Ray Bradbury.

Assim, com o objetivo de atualizar os apontamentos feitos pela docente em 2011, foram feitas reflexões quanto ao contexto atual, envolvendo a relação do ser humano com os meios de comunicação, principalmente as novas mídias, e o quão distópicas essas relações podem ser. Por fim, a editoria também apresenta uma resenha da série distópica de jogos de video game *Fallout*.

## 7 CONSIDERAÇÕES

Para a produção da Revista *Átimo*, cada estudante precisou apurar o seu olhar de repórter de forma que fosse possível identificar, na rotina cotidiana e na sociedade em que estamos inseridos, situações distópicas que, num primeiro olhar, parecem "normais", como o assédio em lugares públicos e as situações de desconforto no transporte coletivo.

Ao lançar este olhar analítico sob essas situações, a *Átimo* tira do banal, do ordinário, temas que passam despercebidos pela maioria, trazendo uma abordagem reflexiva sobre esses e buscando tornar o exercício do jornalismo uma prática cada vez mais sensível. Espera-se que a publicação contribua para um jornalismo crítico, profundo e pensante, que priorize os princípios da apuração, o respeito e a certeza de que cada personagem é, acima de tudo, um ser humano.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- KOPP, Rudinei. Design gráfico cambiante: a instabilidade como regra. **Revista Famecos**, v. 1, n. 18, pp. 106-117, 2002.
- LUPTON, Ellen. **Pensar com Tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2013. 242p.
- SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, v. 1: Porque as notícias são como são**. 3 Ed. Florianópolis: Insular, 2012. 224p.
- WHITE, Jan V. **Edição e Design**. São Paulo: JSN Editora, 2006.
- ZAPATERRA, Yolanda; CALDWELL, Cald. **Design Editorial: jornais e revistas/mídia impressa e digital**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.